

MARIA DE FÁTIMA PALMA
CAM | CEAACP | UGR
tuchapalma@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0936-0523>

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ
CAM | CEAACP | Universidade de Évora
susanagomez@sapo.pt
<https://orcid.org/0000-0001-6032-1904>

MIGUEL REIMÃO COSTA
CAM | CEAACP | Universidade do Algarve
mrcosta@ualg.pt
<https://orcid.org/0000-0002-9894-7811>

VIRGÍLIO LOPES
CAM | CEAACP
virgilioamlopes@sapo.pt
<https://orcid.org/0000-0002-8208-7028>

MÉRTOLA: 45 ANOS DE CASTELO, ARQUEOLOGIA E... SONHOS

MÉRTOLA: 45 YEARS OF CASTLE, ARCHEOLOGY AND... DREAMS

“Conimbriga” LXIV (2025) p. 225-243

http://doi.org/10.14195/1647-8657_64_8

Conimbriga, 64 (2025) 235-253

RESUMO: Em 1979, Cláudio Torres publicava o primeiro desiderato do que veio depois a ser conhecido como o projeto “Mértola Vila Museu” (TORRES, 1979), bastante antes das Convenções de La Valletta e de Faro. Ao longo destas quatro décadas, algumas das propostas que pareciam, na altura, sonhos foram tomando corpo, mas outras permaneceram inalcançáveis juntando-se a novas utopias que, entretanto, apareceram no horizonte. O projeto sempre teve a flexibilidade suficiente para resistir e para se reinventar, enfrentando um dos mais difíceis desafios: a continuidade. A valorização do património, a sua importância para a comunidade e a crescente premência de idealizar e persistir nos caminhos da investigação e da divulgação são os pilares que sustentam o sonho “que comanda a vida”.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia; museologia; património; investigação; divulgação.

ABSTRACT: Cláudio Torres published in 1979 the first desideratum of what would later come to be known as the project “Mértola Vila Museu” (TORRES, 1979), long before the Conventions of Valletta and Faro. Over the last four decades, some of the proposals that seemed like dreams at the time came true, but others remained unattainable, joining new utopias that, in the meantime, appeared on the horizon. The project has always been flexible enough to resist and to reinvent itself, facing one of the most difficult challenges: continuity. The safeguarding of heritage, its importance to the community, and the growing urgency to idealize and persist in the paths of research and dissemination are the pillars that sustain the dream “that commands life”.

KEYWORDS: Archeology; museology; heritage; research; dissemination.

MÉRTOLA: 45 ANOS DE CASTELO, ARQUEOLOGIA E... SONHOS¹

Introdução

O presente artigo retoma um texto de Cláudio Torres, publicado em 1979, logo no início dos trabalhos arqueológicos de Mértola. Tal como se pode deduzir do título “Mértola, o Castelo, arqueologia e... sonhos”, este texto traduz a visão que Cláudio Torres tinha, à data, sobre o património de Mértola, da arqueologia, do Castelo como símbolo identitário de uma povoação, do imaginário, dos sonhos que muitos tinham para a sua terra e sobretudo dos seus próprios sonhos, da vontade e visão de um projeto local que valorizasse aquele património e as suas gentes.

Não será fácil encontrar em Portugal uma povoação tão marcada pela imaginária do passado como Mértola onde, até há pouco tempo, qualquer habitante que «sonhasse» três vezes tinha o direito legal de escavar no castelo à procura do «seu» tesouro, que seria repartido com as autoridades. É um passado que vive no quotidiano, espartilhado por grossas muralhas e bastiões, sugestivos mármore, calçadas e ruelas, túneis e cisternas – um passado que é um rio e um porto que morreu (TORRES, 1979: 3).

Também foram os sonhos que levaram Serrão Martins, então Presidente da Câmara Municipal de Mértola e estudante de História na Faculdade de Letras de Lisboa, a convidar os seus professores Cláudio Torres, António Borges Coelho e José Luís de Matos a visitarem a sua terra natal na primavera de 1978. Esse momento acabaria por marcar o início aos trabalhos arqueológicos de escavação sistemática, que principiam ainda em outubro de 1978, meses depois dessa visita e dos primeiros

¹ Artigo realizado a partir da apresentação da comunicação no Congresso TAG Ibérico de 13 a 15 de fevereiro de 2020, no Museu Arqueológico do Carmo.

levantamentos bibliográficos sobre Mértola e o seu concelho (FIG. 1).

Desde cedo, o papel da população local foi fundamental em todo o processo, constituindo, sem dúvida, uma das premissas principais.

Porque consideramos a arqueologia como um saber assente na totalidade de um passado, próximo ou longínquo, sobre o qual as comunidades atuais construíram parte importante da sua memória coletiva – sendo assim seu património inalienável – não nos é possível admitir o início de qualquer tipo de escavação arqueológica sem procurar, em simultâneo, o apoio da população local na maneira de resolver os problemas levantados com a recuperação e valorização dos objetos e estruturas postos a descoberto (TORRES, 1979: 4).

Com mais de 45 anos de experiência, o Campo Arqueológico de Mértola (CAM) é um caso singular de intervenção de uma organização de carácter associativo no património arqueológico local. Desde o início em 1978, procurou-se desenvolver uma estratégia equilibrada de gestão patrimonial baseada em quatro pilares fundamentais: o estudo, a salvaguarda, a valorização e a divulgação. A investigação científica não faria sentido se não fosse acompanhada da preservação dos valores patrimoniais e da apresentação dos seus resultados à comunidade. Nesta linha, o cerne do projeto reside na divulgação, que não se pode limitar à difusão científica em revistas e encontros acessíveis apenas a um público restrito e especializado. É fundamental devolver à comunidade o investimento realizado na investigação e justificar os eventuais inconvenientes causados pela atividade arqueológica, especialmente em intervenções de emergência produzidas no contexto urbano. Deste modo, é imprescindível converter os conteúdos científicos em meios compreensíveis por todos, sendo a museografia, muitas das vezes *in situ*, o formato privilegiado, associado à publicação de resultados para diferentes públicos, especializados ou não.

No Campo Arqueológico de Mértola, defendemos que qualquer projeto de investigação ou escavação de salvamento deve ter como primeiro objetivo conhecer e preservar (mesmo que apenas seja através do registo arqueológico, em conformidade com a legislação vigente), mas também, sempre que seja possível, conservar, musealizar e divulgar. Trata-se de compatibilizar a conservação de vestígios arqueológicos com o desenvolvimento de empreendimentos construtivos e atividades económicas

mediante uma negociação inteligente, que permita usufruir das vantagens de uns e de outros, trazendo sempre benefícios para a comunidade. No entanto, nem sempre é fácil e, por vezes, os conflitos de interesses obrigam a cedências de parte a parte e a uma gestão dos recursos disponíveis de forma imaginativa e flexível, que permitam evitar outros constrangimentos ao delicado equilíbrio de forças entre os recursos patrimoniais, o poder local e a frágil economia desta pequena vila do interior do país.

Início do Projeto

O sonho deu lugar a um projeto estruturado que foi adquirindo “corpo” através da participação de mais investigadores, especialistas, de estudantes, voluntários, jovens locais, formando-se uma equipa que foi estabelecendo raízes, fixando gente e atraindo atenções. Nascia o projeto “Mértola Vila Museu” uma experiência original e local que começou a utilizar a investigação, a conservação, a divulgação e a musealização para promover a cultura e, através dela, fortalecer o desenvolvimento local, cultural e económico da vila de Mértola (TORRES, 1989; TORRES, 1993; RAFAEL, 2010; RAFAEL e PALMA, 2013; GÓMEZ, RAFAEL e TORRES, 2016; GÓMEZ MARTÍNEZ, 2016; PALMA e RODRIGUES, 2019; PALMA *et al.*, 2020). A ideia principal do projeto é que Mértola, no seu conjunto, a vila, é ela própria um Museu.

Desde o início que o projeto adquiriu um cariz político, considerando a importância do património para as políticas públicas enquanto fator de desenvolvimento local e estabelecendo, desde logo, as práticas de participação tão características dos ideais do pós 25 de abril de 1974, com a intervenção da comunidade local que se manteve como princípio basilar. Desde então, os principais intervenientes tiveram presente a necessidade de um rigoroso trabalho de investigação pluridisciplinar, que não se podia distanciar da valorização/musealização dos resultados obtidos, de modo a devolver à comunidade o seu património, entre outros recursos, através da museografia e das exposições temporárias, muitas vezes em espaços que, até esse momento, estavam quase ao abandono, como é o caso da Igreja da Misericórdia onde, em 1982, se realizou a primeira exposição (FIG. 2).

O património descoberto e valorizado nos últimos 45 anos tem sido determinante para a economia local, através do turismo cultural, contribuindo também para valorizar as tradições e afirmar uma identidade local

e territorial, através do seu património singular, que constitui um elemento diferenciador. Cláudio Torres tinha bem presente a importância do poder local, ao referir que a “viabilização económica e social de uma ampla zona cujo polo dinamizador tem sido a autarquia local, empenhada em arrancar a sua terra de uma letargia de séculos” (TORRES, 1979: 4).

Com este projeto iniciava-se em Mértola um processo que integrava a diversidade cultural de um local numa harmonização entre a história, a cultura, a vida do dia a dia, a valorização e a divulgação do seu património, muito antes das Convenções de la Valletta (1992) e de Faro (2005)², que reconhecem o património cultural como uma realidade dinâmica, envolvendo monumentos, tradições e memórias. Estávamos no ano de 1979, num período anterior a muitas das Cartas e Convenções que hoje estão em vigor e que determinam o património cultural como um valor e um recurso para o desenvolvimento humano e económico das sociedades. Poderemos referir, como exemplo, a Convenção de Granada de 1985 para a salvaguarda do património arquitetónico, a Convenção de La Valetta de 1992 que incide sobre o património arqueológico ou a Convenção de Florença em 2000 sobre a paisagem.

O projeto foi-se construindo, com premissas bem estruturadas e sonhos que se foram cumprindo, tornando-se pioneiro no seu tempo e, sobretudo, colocando esta pequena vila de Mértola numa posição de destaque, no que respeita à valorização e divulgação do património, aliando a estes sonhos um progressivo desenvolvimento económico e social da vila e do seu território. O que então se fazia em Mértola estava muito para além do que se fazia em Portugal no que diz respeito à valorização e difusão do património aliado ao desenvolvimento local. Quarenta e cinco anos volvidos é difícil imaginar o concelho e a vila de Mértola sem o dinamismo atual no que respeita a núcleos museológicos, intervenções arqueológicas, valorização do património arqueológico, mineiro, religioso e imaterial, a arquitetura tradicional, a conservação da natureza e os percursos pedestres que se traduziram no enorme aumento do número de camas disponíveis para dormidas não

² Nova Convenção-Quadro do Conselho da Europa sobre o Património Cultural, assinada em Faro em outubro de 2005, determina o valor do património cultural para a sociedade. De como preservar o património, do porquê e para quê dar-lhe valor. Desta forma a Convenção considera o património cultural como um valor e um recurso que tanto serve o desenvolvimento humano, como um modelo de desenvolvimento económico e social assente no uso durável dos recursos, com respeito pela dignidade da pessoa humana.

só em Mértola como em todo o seu território. Numa geografia marcada por fortes processos de envelhecimento e regressão demográfica, conseguiu-se inverter os valores associados ao património em número de visitantes, de dormidas, de restaurantes e sobretudo na credibilidade de um território que continua a ser único na sua essência, diversidade e valorização.

Terão sido estes os sonhos de Cláudio Torres e da sua equipa sobre a gestão integrada de um território? Será que o que se sonhava correspondia à dimensão do projeto quarenta e cinco anos depois? O certo é que um novo conceito de património se encontrou na combinação da memória, herança, criação, preservação, musealização e divulgação.

Dos sonhos à realidade

O primeiro sonho relacionava-se com

a constituição de um Museu Municipal onde serão expostos os fragmentos arquitetónicos ainda amontoados na torre de menagem, as peças intactas e/ou reconstituídas provenientes das escavações, objetos de arte popular e etnográficos e mesmo exemplares bibliográficos raros, que poderão constituir o arranque de uma futura biblioteca. As pessoas da terra têm oferecido moedas, capitéis e outros objetos, a fim de enriquecer o seu museu. Um belo edifício do século XVIII, semiarruinado, acaba de ser doado à Câmara para este fim (TORRES, 1979: 6).

Quatro décadas depois o Museu de Mértola é um museu polinucleado, constituído por 14 núcleos temáticos, 11 na vila (Castelo, Alcáçova e Casa Islâmica, Mesquita/Igreja Matriz, Forja do Ferreiro, Arte Islâmica, Arte Sacra, Casa Romana (FIG. 3), Casa de Mértola, Oficina de Tecelagem, Basílica Paleocristã, Ermida e Necrópole de S. Sebastião) e 3 no concelho (nas localidades de Mosteiro, Alcaria dos Javazes e Mina de S. Domingos), com diferentes temáticas e períodos históricos. A maioria deles com estruturas arqueológicas no seu local de origem, ou instalados em edifícios interessantes pela sua arquitetura ou importância para a história local. Trata-se de um grande museu disseminado pelo território, com espaços privilegiados de análise e interpretação do espaço, do tempo e das suas gentes. A sua missão é estudar,

inventariar, conservar, documentar e divulgar o seu acervo, e apoiar e colaborar na salvaguarda, estudo e divulgação do património cultural, material e imaterial da vila e do concelho, através da colaboração com outros museus e instituições nacionais ou estrangeiras.

Outro dos sonhos posto em prática foi a criação de uma Secção de Arte Sacra do concelho. “A necessidade deste museu impõe-se, dado o afastamento em que se encontram as igrejas paroquiais em relação aos povoados e consequentes saques de que têm sido vítimas” (TORRES, 1979: 6). No edifício da Misericórdia e na sua Igreja já descativada foram reunidas as peças litúrgicas e de arte sacra do concelho, com um riquíssimo espólio, sobretudo dos séculos XVII e XVIII. Hoje é denominado Núcleo de Arte Sacra do Museu de Mértola.

Também na zona medieval da vila foi adquirido pela Câmara todo o recheio de uma velha forja, na própria casa onde funcionava e cujos instrumentos, ferramentas e objetos já estão inventariados, continuando sob a responsabilidade do seu anterior proprietário, o ferreiro Ti Zé Brito. Foi este o primeiro museu a abrir em Mértola (TORRES, 1979: 6).

Hoje em dia, o núcleo do Ferreiro é um espaço aberto ao público, podendo o visitante através de um vidro contemplar os objetos utilizados, a forja e o espaço onde o ferreiro realizava o seu ofício, bem como uma placa explicativa de todo o processo.

De extrema importância foi a ação de recolha e inventariação dos documentos relativos à vida da empresa e dos operários na Mina de São Domingos. Assim como a recolha de “instrumentos de trabalho, vestuário e outros objetos em vias de se perder e alienar e vai ser feito em breve o levantamento fotográfico das instalações e maquinaria em desmontagem, além do registo em fita magnética da memória oral dos velhos mineiros” (TORRES, 1979: 6). As minas de São Domingos tinham encerrado mais de dez anos antes e o abandono da terra e a emigração levaram muitos para fora. Esta recolha foi fundamental para os estudos da mina, a nível antropológico, social, da arqueologia industrial, da arquitetura e sobretudo para a conservação da memória de uma comunidade.

Durante muitos anos a Câmara Municipal foi o principal depositário do património e sobretudo das memórias desta comunidade. Só em 2004, a Fundação Serrão Martins foi constituída pela Câmara Municipal de Mértola e pela empresa La Sabina, visando a proteção,

valorização e conservação dos valores patrimoniais da Mina de São Domingos e do seu complexo mineiro, assim como, a promoção dos recursos patrimoniais e a sua utilização em prol do desenvolvimento das populações locais. Foram dinamizados diversos espaços como o Centro de Documentação da Mina de São Domingos, essencial para o estudo e tratamento de todo o tipo de documentação (fotográfica, documental, material) com vista à preservação da memória coletiva dos 150 anos de história desta mina e sua comunidade, bem como a Casa do Mineiro, onde se recria o espaço exíguo de uma casa típica de uma família de mineiros, ou o Cineteatro, reabilitado para acolher um núcleo expositivo sobre diversos temas da história da Mina de São Domingos.

Outra das ações que mereceram atenção logo nos primeiros anos, e que também faziam parte do sonho, foram os aglomerados populacionais, as aldeias e montes: partindo do princípio que é necessário não só

preservá-los em função de princípios estéticos como e principalmente compreender e salvaguardar mecanismos de relação entre o homem-comunidade e os espaços socializados que o envolvem, iniciámos o levantamento urbanístico e arquitetónico dos conjuntos, tendo como referência os arruamentos e espaços de utilização pública e sua correlação com os espaços semiprivados e interiores da habitação (TORRES, 1979: 6) (FIG. 4).

O sonho passava igualmente por compreender não só o que era material, mas também o imaterial como a recolha da literatura oral, medicina popular e dieta, das plantas medicinais, dos grupos corais, e das expressões imateriais relacionadas com a tecelagem (LUZIA, MAGALHÃES e TORRES, 1984). Do mesmo modo, foram considerados o conjunto monástico franciscano, as azenhas abobadadas do Guadiana e seus afluentes, bem como o traçado das vias romanas, dos povoados e das estruturas arqueológicas delas dependentes. Todas estas questões foram sendo abordadas em diversos levantamentos ao longo destas quatro décadas, havendo ainda lugar a outros trabalhos e pesquisas e ao contributo de outras disciplinas e perspectivas. O projeto assentava já então, na visão de Cláudio Torres, numa perspectiva integradora e precursora do património, integrando as suas diferentes expressões, do erudito ao popular, do monumental ao corrente, do material ao imaterial, privilegiando, acima de tudo, a sua importância para a comunidade e para um modelo de desenvolvimento sustentável.

O Campo Arqueológico de Mértola

Os primeiros anos de trabalhos de arqueologia e património foram intensos e desenvolvidos no âmbito da Associação para a Defesa do Património de Mértola (ADPM) fundada em 1980, que posteriormente daria origem ao Campo Arqueológico de Mértola (CAM) em 1988, legalmente constituído como uma associação cultural e científica sem fins lucrativos, de utilidade pública, com os objetivos de fomentar o levantamento, estudo e pesquisa do património da região de Mértola e a sua conservação e salvaguarda, podendo, para tal, cooperar com entidades públicas ou privadas em ações científicas ou de promoção cultural e social.

Ao longo de mais de 45 anos sucederam-se diversos projetos de investigação que se traduziram na constituição de uma unidade de investigação reconhecida pelo Ministério de Ciência e Tecnologia em 2003, e na união com o agora denominado Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP) em 2008, com polos nas Universidades de Coimbra, do Algarve e em Mértola. A parceria com diversas Universidades e outras instituições de ensino deu lugar a cursos de Formação Profissional (em colaboração com EPBJC, ALSUD, IEF, ADPM), mestrados (em colaboração com as Universidades do Algarve, Évora e Lisboa), estágios no âmbito de pós-graduações (Universidades de Granada, Sevilha ou Huelva), cursos livres e atividades de divulgação e educação patrimonial com a comunidade.

Muitos dos projetos de investigação constituíram simultaneamente projetos de valorização patrimonial e tiveram como corolário a divulgação das diversas expressões do património para o público geral através do vasto programa editorial do CAM³, da musealização de sítios e de exposições temporárias ou permanentes. Foi ao longo destas quatro décadas de investigação e divulgação patrimonial que nasceram os diversos núcleos museológicos do Museu de Mértola, resultado da necessidade de apresentar e partilhar conhecimento.

³ Mais de quarenta títulos publicados para além da revista *Arqueologia Medieval*, inúmeros artigos e participações em revistas, livros, monografias, entre outros. Ver mais em: <https://www.camertola.pt/info/publicacoes>

Projeto Mértola Vila Museu

O projeto “Mértola Vila Museu” surgiu da dinâmica inicial dos seus investigadores, correspondendo a uma estratégia de gestão patrimonial com objetivos associados a quatro grandes focos: o estudo, a salvaguarda, a valorização e a divulgação desta pequena Vila do sul de Portugal (GÓMEZ, RAFAEL e TORRES, 2016). Aqui, a investigação histórica e arqueológica constitui o motor do projeto de desenvolvimento local, que assenta num programa museográfico em que a própria vila, com a sua estrutura organizativa, a localização privilegiada sobre o Guadiana e a disposição em terraços, é o Museu a céu aberto. O Museu é a própria Vila. O objetivo comum do projeto “Mértola Vila Museu”, o qual envolve várias instituições, mas que tem como grande mentor o Professor Cláudio Torres, Diretor do CAM, é o de utilizar o Património para promover o desenvolvimento local (económico, turístico, sustentado), envolvendo a população e transformando-o num instrumento para consolidar a identidade local e territorial.

A criação de um Parque Natural que englobasse o território do Vale do Guadiana foi um dos resultados do intenso trabalho de conservação e preservação da natureza que se iniciou na década de oitenta do século XX, integrando o património da paisagem natural e cultural no projeto. Deste modo, o Parque Natural do Vale do Guadiana assumiu-se como parceiro do CAM e das estratégias de salvaguarda ambiental, patrimonial e territorial desta zona tão específica do Vale do Guadiana.

As escolas do Concelho de Mértola foram sempre importantes parceiros para a transferência de saber, sobretudo, mas não apenas, para as faixas etárias mais novas. Desta forma, o Agrupamento de Escolas de Mértola, na sua diversidade de escolas pulverizadas pelo território, foi sempre um dos parceiros estratégicos ao longo destas quatro décadas. Por outro lado, durante os primeiros anos do percurso de identificação, estudo e preservação do património de Mértola, surgiu uma Escola Profissional imbuída na temática do Património, da Conversação e do Turismo: a Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, que na última década assumiu a forma de uma Cooperativa de Ensino designada Escola Profissional ALSUD, direcionada à área da gestão cinegética.

Como consequência de todo o trabalho realizado em prol do património, a Vila de Mértola foi incluída, em 2016, na Lista Indicativa de

Portugal ao Património Mundial da UNESCO. Esta inclusão consolida em definitivo a importância e o reconhecimento do trabalho realizado em torno do património de Mértola e constitui, por outro lado, uma nova etapa do processo de candidatura a Património Mundial que, não se esgotando na inclusão na lista indicativa, requer um trabalho conjunto e integrado entre a autarquia, as associações locais, a comunidade e todos os parceiros que têm vindo a contribuir para a salvaguarda e desenvolvimento deste bem comum que é o património de Mértola e do seu território.

Educação para o património

Desde o seu início que o CAM insiste em ter uma presença assídua junto da comunidade local, de forma direta, tentando contribuir para a educação e formação associada à valorização e preservação do património. Durante muitos anos o trabalho com as escolas foi sendo feito de forma não muito assídua, sem um programa anual de atividades de Educação Patrimonial, mas através de atividades pontuais, visitas, recreações históricas, exposições entre outras. Esta realidade alterou-se a partir de 2010, quando o CAM, em parceria com o Museu de Mértola, se focou na necessidade de criar dinâmicas mais assíduas na Educação para o Património ou Educação Patrimonial. Desta forma, tiveram início várias atividades temáticas inseridas num programa geral, destinado a alunos do pré-escolar e 1º ciclo do Agrupamento de Escolas de Mértola (PALMA e RODRIGUES, 2019). As abordagens tentam ser diversificadas e alternadas para que as crianças possam ter, durante o seu percurso escolar, a perceção do património existente, a capacidade de o identificar para a sua valorização, e o conhecimento sobre os processos que os materiais arqueológicos sofrem desde a sua descoberta até à exposição no Museu. A didática arqueológica tem no património o elemento estruturante do desenvolvimento local e do envolvimento da comunidade, não apenas a escolar, mas da família, dos professores, funcionários, abarcando assim diferentes posições da comunidade (PALMA *et al.*, 2020). São claros os pressupostos do projeto, compreendendo as experiências do Campo Arqueológico de Mértola e do Museu de Mértola levadas a cabo em sítios arqueológicos, em contacto direto com a

comunidade escolar e local, com o objetivo de criar laços identitários, de pertença, de valorização e divulgação. Como se sabe, só se pode proteger e dar valor àquilo que se conhece.

Neste sentido, a partir do verão de 2017, o CAM e a CMM – Museu de Mértola, propuseram à população e aos visitantes várias atividades para conhecer e participar na Ciência que é a Arqueologia, com o intuito de estimular a construção participada da perceção do património arqueológico, tendo como tema a “Arqueologia para todos” – uma atividade de ciência para todos, que tem como objetivo uma arqueologia participativa integrando os cidadãos locais das mais diversas faixas etárias, turistas e voluntários envolvidos numa Arqueologia Cidadã, comunitária, participada e conhecedora do valor do seu património (FIG. 5). Foram desenvolvidas várias ações, durante os meses de verão, que iniciaram com a Exposição de peças arqueológicas em diversos locais da vila de Mértola, a que se denominou “Museu Vivo. O Museu sai à rua”, patente no Centro de Saúde, na Segurança Social, Entidades Bancárias – Caixa Geral de Depósitos, Millennium BCP e Caixa de Crédito Agrícola, na Repartição de Finanças, na Junta de Freguesia, na Biblioteca Municipal e no Atendimento ao Público da CMM. Foi também organizado um encontro mais técnico designado: “Arqueologia Pública. Encontro entre os arqueólogos e a comunidade” que pretendia divulgar vários casos de arqueologia pública, abordar o caso de Mértola na perspetiva que a comunidade local pudesse intervir e expor o que considera que se deveria incorporar no projeto. Preparou-se ainda um Dia Aberto “Da escavação ao Museu. Arqueologia para todos” com várias oficinas de ciência abertas à comunidade: crianças, jovens e adultos, que decorreu na Alcáçova do Castelo de Mértola com participação de famílias locais e de turistas. A partir de 2017 as Escavações anuais realizadas com voluntários foram incluídas neste programa mais alargado. Este projeto teve o apoio inicial da Secretária de Estado para a Ciência e a Tecnologia e o Ensino Superior e da Direção Regional da Cultura do Alentejo. Nos anos seguintes, o programa “Arqueologia para Todos” tem incluído várias atividades direcionadas a jovens voluntários, à população local e à divulgação do património, sobretudo no que diz respeito à arqueologia e, mais especificamente, no trabalho que se tem vindo a desenvolver nesta localidade.

Utopias, desafios, novos sonhos....

Em 2018, comemoraram-se os 40 anos do início de um empolgante projeto de investigação e intervenção patrimonial, que sempre colocou a comunidade local no seu centro, procurando conhecer e valorizar a cultura e a herança do passado enquanto recurso para o desenvolvimento social e não apenas económico. Este projeto teve início com vários sonhos, com a arqueologia, com diversas utopias e desafios que se foram construindo e consolidando ao longo de décadas de um trabalho intenso de investigação que é simultaneamente um trabalho moroso, de paciência e de minúcia, dada a singularidade da arqueologia, mas sobretudo com interesse no bem comum, que é o património desta vila histórica. A cultura e o património tornaram-se assim o motor de desenvolvimento de um território e de uma comunidade.

Os desafios são constantes, e talvez de maior dimensão do que eram há 45 anos atrás, dado o distanciamento do entusiasmo juvenil e da novidade dos primeiros anos do projeto e a necessidade de continuar a demonstrar à comunidade e ao poder local a importância da investigação e do seu financiamento, dos trabalhos arqueológicos, da musealização e da valorização das diferentes expressões do património. Vão aparecendo, continuamente, novos sonhos, novos desafios, novas utopias que estimulam os que acreditam, trabalham e estão envolvidos no projeto, a continuar a sonhar e a não desistir.

São muitas perguntas e outras tantas respostas que morosa, paciente e teimosamente é preciso encontrar. Não certamente através da compartimentação do território em fatias ou feudos deste ou daquele alto especialista... e sim por meio de equipas mistas e complexas, em que o trabalho de um é complemento do de outro e em que – nunca o esquecer – quem interessa acima dos palácios, dos capiteis, das “*villas*” e castelos é o homem. Não o homem arqueológico e sim o homem comunidade bem real que hoje vive, trabalha e sonha em cima do seu passado, um passado que tem de compreender para olhar o futuro (TORRES, 1979: 10) (FIG. 6).

Foram estas as premissas que viabilizaram a permanência de um projeto que acreditamos ser único no seu tempo, na sua singularidade e na sua autenticidade a nível da Península Ibérica.

Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida.
Que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.

António Gedeão

Agradecimento

Um especial agradecimento, postumamente, à querida Manuela Barros Ferreira que leu e reviu o texto na primavera de 2021, vindo a falecer a 23 de julho de 2022. A Manuela teve um papel importante neste projeto no qual participou ativamente de diversas formas.

Bibliografia

- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2016) – Mértola, Vila Museu. Un proyecto cultural de desarrollo., in VAQUERIZO, D.; RUIZ, A.B.; DELGADO, M., eds. – *RESCATE. Del registro estratigráfico a la sociedad del conocimiento: el patrimonio arqueológico como agente de desarrollo sostenible*, Tomo 1, Córdoba: Editorial Universidad de Córdoba, ISBN 978-84-9927-282-5, pp. 269-286.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; RAFAEL, Lúcia; TORRES, Cláudio (2016) – Mértola Vila Museu. Um projecto arqueológico de desenvolvimento integrado, *Revista Arqueologia Pública*, 10, 3, [Em linha] Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP, pp. 55-80, DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/rap.v10i3.8645842>. Disponível em <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8645842/14463>. ISSN: 2237-8294.
- LUZIA, Ângela; MAGALHÃES, Isabel; TORRES, Cláudio (1984) – *Mantas tradicionais do Baixo Alentejo*, Mértola: Câmara Municipal: Campo Arqueológico de Mértola.
- PALMA, Maria de Fátima; RODRIGUES, Clara (2019) – Atividades de Educação Patrimonial – Campo Arqueológico de Mértola, *Revista Al-Madan online*, 22, Tomo 4, pp.120-122, ISSN2182-7265. Disponível em: https://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline22_4.
- PALMA, M. de Fátima; RODRIGUES, Clara; GÓMEZ, Susana; RAFAEL, Lúcia (2020) – Didática arqueológica, experiências do projeto Mértola Vila Museu, *Arqueologia Em Portugal / 2020 – Estado Da Questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólo-

- gos Portugueses e CITCEM. Disponível em <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa38>.
- RAFAEL, Lúcia (2010) – *Os trinta anos do Projecto Mértola Vila Museu [Texto polico-piado]: balanço e perspectivas*, Évora. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade de Évora.
- RAFAEL, Lúcia e PALMA, Maria de Fátima (2013) – Os museus como espaços de sociabilidade: as experiências educativas do museu de Mértola, *Simpósio Internacional Arte, Património e Museus*. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/4427>.
- TORRES, Cláudio (1979) – Mértola: o castelo, arqueologia e... sonhos, *História e Sociedade*, 4/5 [Separata da revista] [S.l.: s.n.].
- TORRES, Cláudio (1989) – *Arqueologia, história local e desenvolvimento*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia.



FIG. 1 - *Início dos trabalhos de escavação arqueológica na zona da Alcáçova do Castelo que principiaram em outubro de 1978. Arquivo CAM.*

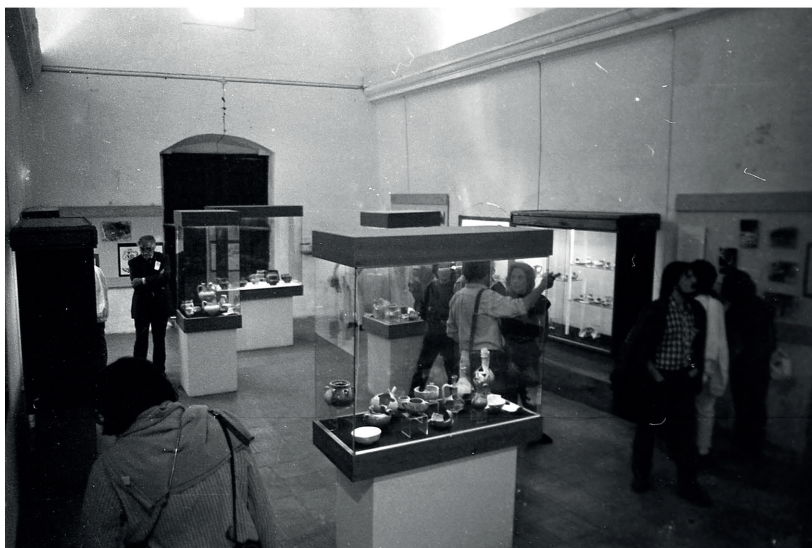


FIG. 2 - *Igreja da Misericórdia onde, em 1982, se realizou a primeira exposição com os materiais recolhidos até à data. Arquivo CAM.*



FIG. 3 - Casa Romana, um dos 14 núcleos do Museu de Mértola e o primeiro onde se realizou a musealização in situ das estruturas descobertas. O núcleo Casa Romana encontra-se sobre o edifício dos Paços do Concelho.



FIG. 4 - Arquitetura vernacular do território de Mértola.



FIG. 5 - Programa da primeira edição do “Arqueologia para Todos” no verão de 2017.



FIG. 6 - Cláudio Torres nas comemorações dos 40 anos do Projeto “Mértola Vila Museu”.
Arquivo CAM.

